

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

nos permitisse levantar algumas pedras, levou-nos a concluir que estamos perante uma espécie de castro romano, pelos restos de cerâmica, *imbrices* e *tegulae* que encontramos.

Estes restos de cerâmicas são abundantísimos, mas não achamos nenhum que apresentasse qualquer particularidade interessante.

Além dos numerosos cacos de *tegulae*, só encontramos uma espécie de bola de barro, muito deteriorada, e que deve ser o fragmento de qualquer objecto, e um pequeno cilindro com pouco mais de três centímetros de comprimento e 13 milímetros de diâmetro, que também é um fragmento de qualquer objecto desconhecido.

Pode ser que estejamos perante uma estação romana, ou então mais antiga, posteriormente romanizada.

Só uma sondagem feita por especialistas poderá lançar alguma luz sobre o caso.

É curioso, que fazendo a Serra de Monchique lembrar o Norte de Portugal, por tantos dos seus aspectos naturais, e sobretudo pela maneira como o homem se lhe adaptou, reproduzindo formas de cultivo com pormenores que parecem minhotos, também ofereça vestígios de ruínas, de tipo castrejo. Se, de facto, estes restos arqueológicos revelarem a existência dum antigo castro, devemos estar perante o castro mais meridional do país, do qual se descobre a mancha azul dum mar, a que já chegamos os tons anilados e vivos do Mediterrâneo próximo.

JORGE DIAS.

Acerca do Atlas Etnográfico de Portugal

Ao iniciar os trabalhos para o Atlas Etnográfico de Portugal, que o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular pretende levar a cabo, cumpre dizer algumas palavras sobre o assunto.

Já há muito que a ideia duma tal realização me preocupava, pelas vantagens imensas que isso representava, para o conhecimento das diferentes formas da cultura do nosso povo.

Parecia-me, contudo, empresa difícil, num país, em que a Etnografia não tinha foros de ciência reconhecida por aqueles que superintendem tais assuntos, visto que não é professada em nenhuma das três Universidades portuguesas, nem existia qualquer organismo científico universitário, que se dedicasse à investigação etnográfica da metrópole.

Felizmente que o Instituto para a Alta Cultura veio remediar esta falta, com a criação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Como se pode inferir pelo seu nome, este Centro, não se dedica apenas à investigação em Portugal, mas procura cooperar com Espanha e activar o intercâmbio científico entre as duas nações vizinhas, visto que, o campo das ciências a que se dedica, tem fronteiras flutuantes que, nem sempre correspondem às actuais fronteiras políticas.

Além disso, a Etnologia é uma ciência essencialmente comparativa, que não pode desenvolver-se sem activo intercâmbio entre os investigadores das diferentes nações. Mais que qualquer outra ciência, a Etnologia necessita ter sempre presentes os dados da investigação dos outros países, para poder prosperar e obter resultados positivos.

Temos, portanto, que confessar, que o Instituto para a Alta Cultura, mais uma vez viu os problemas com largueza, procurando estabelecer bases amplas ao novo organismo científico que criou, de maneira a dar à Etnologia portuguesa projecção internacional e nível superior.

Uma vez que o Instituto para a Alta Cultura, e o Professor Mendes Corrêa, director do Centro, concordaram há alguns meses em me nomear secretário, da nova instituição, vi de repente abrir-se uma oportunidade magnífica à minha antiga aspiração.

A Etnografia tem sofrido uma profunda renovação, nestes últimos decénios, e está a caminho dum apogeu que nunca tinha conhecido, mercê da atenção geral que se lhe está a prestar em todos os países cultos. Não só se tem feito a revisão dos fundamentos teóricos, como se renovaram os métodos de maneira a obter resultados cada vez mais satisfatórios.

Precisamente um dos métodos hoje empregados em Etnografia, com excelentes resultados, é o método geográfico, que tem como base a cartografia.

Não sendo a localização dos fenómenos, senão um dos processos de estudo, de que dispõe a Etnografia moderna, este é, contudo, fundamental, pois, mais que qualquer outro, ajuda a tirar conclusões, pela comparação das cartas de diferentes fenómenos.

A aplicação do método cartográfico à Etnografia, não é recente. A Alemanha, animada por Pessler, o grande defensor do método geográfico, começou o seu Atlas Etnográfico em 1907, e daí por diante os estudos de cartografia etnográfica têm ganhado terreno, e hoje há um grande número de países europeus, que trabalham com afinco na realização do seu Atlas Etnográfico.

É extraordinária a importância dos resultados obtidos por tais estudos, pois a comparação das cartas do Atlas Etnográfico entre si, e com outras cartas, permite tirar conclusões, que não são só úteis à Etnografia, mas a outras ciências da Cultura, podendo fornecer a chave de problemas até hoje sem solução, sobretudo para a pré e proto-história.

Não é, contudo, empresa fácil levar a cabo um Atlas Etnográfico. Para darmos uma ideia do que isso representa, basta apresentarmos alguns dados acerca do que se tem feito na Suíça, que dentro de dois anos deve ter concluída essa obra formidável.

Der Atlas der schweizerischen Volkskunde, ou o Atlas da Etnografia Suíça, deve-se sobretudo à iniciativa dos Profs. Richard Weiss e P. Geiger, que com o seu saber e enorme entusiasmo, conseguiram que a Sociedade Suíça de Tradições Populares, se lançasse nesta enorme empresa de que tanto há a esperar.

De 1937 a 1942, sete exploradores, com a preparação técnica necessária, percorreram as comunas que lhes foram de antemão designadas, cabendo a cada um, um determinado sector do país.

Das 3.000 comunas suíças, escolheram-se 387 para serem questionadas, não recaindo a escolha naquelas que apresentavam traços mais arcaicos, mas sim, procurou-se estabelecer uma certa equidistância entre elas, aceitando-se as características etnográficas actuais.

Para os casos de arcaísmo especial, ou fenómenos esporádicos, estão as monografias locais ou especiais, visando o Atlas os fenómenos mais gerais, susceptíveis de se poderem seguir numa carta.

Cada explorador dispunha, para o bom desempenho da sua missão: 1.º dum *vade mecum* condensado de conselhos, para preparar e realizar as inquirições; 2.º dum *questionário* com 150 perguntas escolhidas pelo seu valor etnográfico e cartográfico; 3.º dum *modelo do processo verbal* circunstanciado, para preencher em cada inquirição.

Todos estes elementos, assim como a escolha das comunas a questionar, foram estudados por uma comissão «Directório do Atlas».

A duração média duma inquirição comunal era de 3 dias, durante os quais o questionador minutava e transcrevia o seu jornal da actividade, e preparava um ficheiro comunal das matérias, repartidas por assuntos.

O *curriculum* dos informadores atentamente estudado, não omite os ascendentes e o conjunto.

No limite das possibilidades, foram consultadas três gerações de informadores.

As perguntas dirigiam-se à parte material, social e ideológica da vida da comuna, o que mostra a sã concepção etnográfica suíça.

A elaboração cartográfica, conduzida pelos Professores Geiger e R. Weiss está muito adiantada. O primeiro já preparou umas 150 cartas e o segundo umas 90.

Levantar-se-ão aproximadamente 300 cartas, das quais 200 devem ser publicadas. Estes Professores, utilizam cartas físicas, históricas, económicas, linguísticas, confessionais, demográficas e outras, sobre as quais colocam uma ou várias cartas preparatórias, podendo decalcar o que lhes interessa, de maneira a poderem confrontar fenómenos conhecidos com os que estão a ser estudados, e que são designados por sinais próprios, escolhidos para representar os diferentes fenómenos.

Este trabalho é realizado com o auxílio dos materiais das inquirições, completado, quando é necessário, pelos que provêm duma inquirição por correspondência, baseado num questionário de 1.585 perguntas.

Ainda se não chegou a uma conclusão relativamente à forma técnica da publicação, que é de supor esteja realizada em 1950.

Tudo leva a crer, porém, que cada carta conterá um número limitado de fenómenos, que serão representados por sinais geométricos simples, e pondo de parte todas as tentativas de simbolismo, que o bom senso repudia.

Nas reproduções de algumas cartas, que apresenta Richard Weiss no seu livro *Volkskunde der Schweiz*, aparecem sinais geométricos como: triângulos, círculos, cruces, quadrados, etc., umas vezes cheios, outros brancos e combinados, sendo metade cheios e metade brancos, o que torna a leitura fácil e rápida.

Para certos fenómenos, que se podem localizar no tempo, terão as cartas índices cronológicos, o que lhes dará carácter dinâmico.

Poder-se-á calcular a dificuldade que representa a realização dum Atlas Etnográfico de Portugal, quando a Suíça precisa de tantos anos e de tanta gente para levar a cabo tal empresa.

De facto, nós, depois duma brilhante geração de etnógrafos, entre os quais se destaca José Leite de Vasconcelos, nada mais temos, senão o valor isolado de alguns homens de boa vontade, que a estes estudos têm dado o melhor do seu esforço. Ao passo que na Suíça, a tradição etnográfica, além de antiga, tem-se mantido numa linha de continuidade e progresso crescente. Esta pequena nação conta com investigadores de reputação mundial, não lhe faltando institutos, laboratórios e museus modelares, onde os estudiosos podem completar a preparação universitária.

Basta dizer, que a Sociedade Suíça de Tradições Populares, completou já 50 anos de vida em 1946, e conta, hoje, com mais de 700 membros.

As publicações periódicas ou adventícias são inúmeras, e toda a nação compreende o valor desta ciência e está apta a auxiliar os estudiosos e a responder a questionários.

Porém, isto não é motivo para recuar, e embora em piores condições e demorando mais tempo, também nós havemos de conseguir levar a cabo o nosso Atlas Etnográfico.

Como o Consejo Superior de Investigaciones Científicas, criou, há poucos meses, um Centro em Espanha, com o mesmo nome do nosso, a quem está confiada a investigação etnográfica do país vizinho, e com o qual estamos em permanente contacto, resolveu-se que os dois países iniciariam os trabalhos preparatórios para o Atlas Etnográfico, de colaboração. Embora Portugal e Espanha, trabalhem de preferência adentro de suas fronteiras, procurar-se-á reunir os esforços dos dois Centros, de maneira a resolver conjuntamente os problemas técnicos relativos ao Atlas, ao qual procuraremos dar a mesma orientação, de maneira a que dos Atlas dos dois países resulte o Atlas da Península Ibérica.

De maneira nenhuma é possível aos dois países começar a trabalhar, usando os processos adoptados na Suíça. Não só por falta de recursos, como por não existir pessoal técnico habilitado.

É necessário começar aos poucos, de forma a que ao mesmo tempo que se vai fazendo o Atlas, se vão estudando outros problemas e preparando especialistas. O importante, é trabalhar com todo o rigor científico, de maneira a que o estudo, que se vá realizando, sirva de modelo para os trabalhos futuros.

Nas conversas que tivemos com os colegas espanhóis, assentou-se em que se devia começar pela recolha da cultura material, por ser a que menos resiste às tendências planificadoras modernas. E entre os objectos materiais, escolheu-se o arado para ser o primeiro a cartografar.

Esta escolha deve-se, sobretudo, a ser o arado um dos elementos mais importantes da cultura humana, e aquele que mais interesse tem para ajudar a resolver problemas culturais importantes.

Em Espanha já há trabalhos valiosos sobre o arado, de nacionais e estrangeiros, como os de Crespí, os do casal inglês Aitken e do alemão Krüger, e é notável a contribuição que tem feito para o seu estudo, o Secretário do Centro, em Espanha, Júlio Caro Baroja, actual director do Museu do Povo Espanhol de Madrid, nos seus valiosíssimos trabalhos etnográficos e etnológicos.

De acordo com esta decisão, nós, depois de recolhermos a escassa bibliografia portuguesa sobre o assunto, lançamo-nos a procurar, sistematicamente, arados de pau, pelo país, de maneira a não deixar nenhum concelho em branco, e, sendo necessário e possível, conseguindo uma certa densidade de observações no mesmo concelho.

A falta de pessoal técnico habilitado e a modéstia das nossas possibilidades, obrigarão a gastar bastante tempo, até conclusão da primeira carta, mas uma vez feita esta, quebrou-se o encanto, e então nada se deve opor a que a realização do Atlas seja um facto.

A magnífica aquisição dum novo colaborador, Fernando Galhano, veio aumentar as probabilidades de êxito, pelas suas qualidades como desenhista e enorme interesse por estes estudos.

Entretanto, é natural que surjam colaboradores úteis e especialistas que permitam levar a cabo o estudo da parte social e espiritual da cultura, que é de mais difícil recolha.

Como base teórica para a preparação da folha dos arados estou a concluir um trabalho intitulado *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*, onde procuro enquadrar os arados portugueses nos grandes tipos mundiais de arados.

A riqueza imensa de tipos de cultura que se encontram na Península, promete que se faça uma das obras mais notáveis no género, pois talvez nenhuma nação europeia apresente uma série de elementos etnográficos tão variados e curiosos como Portugal e Espanha.

Se esta obra se vier a realizar, o que espero, conseguiremos um elemento de capital importância para o conhecimento da História do Homem, não só na Península como em todo o Mundo.

J. D.

Instrumentos paleolíticos da Ribeira da Guarda (Gare)

Em meados de Maio, tive de ocupar umas horas na estação da Guarda, aguardando a ligação ferroviária com a Espanha. Então dei uma volta pelas imediações e pude verificar a existência dum bem caracterizado depósito aluvial, depósito originado pela ribeira que corre entre a estação do caminho de ferro e o sopé do monte, no cômodo do qual campeia a cidade da Guarda.